



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

NÍSIA FLORESTA E O ÍNDIO BRASILEIRO: GÊNERO, ESCRITA E EXCLUSÃO

Elis Regina Guedes de Souza
Marcelo Medeiros da Silva

Universidade Estadual da Paraíba – Campus VI (elis_reginaa@yahoo.com.br)
Universidade Estadual da Paraíba – Campus VI (marcelomedeiros_silva@yahoo.com.br)
Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores

Nosso trabalho é parte de uma pesquisa que realizamos na iniciação científica (PIBIC – UEPB/CNPQ) cujo escopo foi identificar as imagens acerca do índio em produção de autoria feminina do século XIX a fim de evidenciar até que ponto a autora dialoga com os códigos do Romantismo brasileiro no que tange à representação da figura indígena. Sendo assim, com o intuito de trazer parte de nossa reflexão sobre a presença do indianismo na literatura brasileira a partir da contribuição de mulheres-escritoras, o presente trabalho volta-se para o estudo do poema *A Lágrima de um Caeté* (1997) de Nísia Floresta. Nosso objetivo é fazer uma leitura da referida obra não só a partir do foco na representação do índio, mas também a partir das questões de gênero. Considerando-se que o nosso trabalho relaciona-se, aos estudos sobre o índio na cultura brasileira e aos estudos acerca da produção literária de autoria feminina de tempos idos, o lastro teórico em que nos subsidiamos contempla, pois, ambas as frentes de pesquisa. No que diz respeito à reflexão sobre o índio e o indianismo brasileiro, baseamo-nos nos estudos de Bastos (2011), Coutinho (1997) e Queiroz (1962). Já no que tange às questões de gênero, recorreremos às contribuições de Batalla (1990), Graça (1998) e Mendonça (2012). Com o presente trabalho, esperamos contribuir para os estudos sobre representação de grupos minoritários (no nosso caso, índios e mulheres) e, notadamente, para os estudos acerca da produção literária de autoria feminina de tempos pretéritos.

PALAVRAS-CHAVE: Indígena, Indigenismo, Perspectiva Feminina.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Introdução

A literatura, como discurso social também de representação, sempre procurou abordar, em determinados gêneros e formas, em épocas de grandes conflitos sociais, questões culturais relevantes para o homem de sua época e de épocas posteriores. Sendo assim, ela foi um dos veículos mais importantes na construção de uma identidade nacional revelando imagens do Brasil não só como um mero recorte temático, mas principalmente como construções discursivas, inseridas em um dado contexto sócio-histórico e cultural. Dentro dessa perspectiva, tomando a literatura como ponto de partida, é possível pensar o país na estética que o enforma e, simultaneamente, captar as marcas contextuais impressas nessa literatura. Nesse sentido, podemos dizer que a construção de uma identidade nacional brasileira começa a ser forjada já no período colonial, momento em que, consoante Veloso e Madeira (2000), as missões artísticas e científicas, que se seguiram aos cronistas e viajantes desse período, confirmaram e consolidaram a imagem do Brasil como um lugar de uma natureza virgem, exuberante e exótica, tal como foi emoldurada pelo olhar estrangeiro marcado pela autorreferência europeia como parâmetro de civilização.

Entretanto, somente no século XIX é que houve um maior empenho por parte de alguns autores, inseridos no chamado processo de construção de uma identidade nacional, em apontarem, em textos-chave, para a leitura/compreensão da identidade brasileira. Dentro desse projeto acerca da identidade nacional, era preciso descobrir valores que pudessem dar sustentabilidade a essa identidade: a natureza, o índio, a idealização de um passado heróico mostram como as imagens brasileiras, ao longo do século XIX, podem ser compreendidas como cristalizações ou objetivações desse ideário. Os discursos literários e científicos de então foram os responsáveis pela criação da ideologia nativista, que se desdobrou em narrativas e imagens da natureza tropical e do índio, presentes nas obras de nossos pintores e escritores românticos. Considerando-se tal cenário, sobretudo a relevância que a figura do índio assume nos escritos que proliferaram ao longo do século XIX, principalmente a partir da



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

pena dos escritores românticos, o presente artigo procura estudar a representação do índio em textos não canônicos da literatura brasileira, mais especificamente, ensejamos analisar o indianismo a partir da óptica feminina. Para tanto, voltamos, aqui, nossa atenção para *A Lágrima de um Caeté* (1997), poema de Nísia Floresta a partir de cuja leitura esperamos contribuir para os estudos sobre a figura do índio na literatura brasileira, e, ao mesmo tempo, para os estudos acerca da produção literária de autoria feminina, uma vez que os escritos produzidos por mulheres de tempos pretéritos também contribuíram para a construção da identidade nacional e, por conseguinte, para a compreensão da cultura de nosso país, razão por que são dignos de estudo, como vêm mostrando vários trabalhos (artigos, dissertações e teses) desenvolvidos em nossas universidades, sobretudo, sob a égide da crítica literária de cunho feminista.

Metodologia

Para o desenvolvimento da análise a seguir, pautamo-nos no método da crítica textual, privilegiando a análise da obra em sua integridade. Todavia, sempre que necessário, recorreremos, como instrumento indispensável de leitura, à contribuição de outras áreas do conhecimento, sem descuidar da análise do texto literário como construção artística. Além disso, buscamos a colaboração interdisciplinar sempre que foi preciso tornar claras questões que poderiam ser mais bem entendidas com dados oferecidos pelas condições que fossem hauridas do contexto de produção do nosso *corpus*, uma vez que:

há no estudo da obra literária um momento analítico, se quiserem de cunho científico, que precisa deixar em suspenso problemas relativos ao autor, ao valor, à atuação psíquica e social, a fim de reforçar uma concentração necessária na obra como objeto de conhecimento; e há um momento crítico, que indaga sobre a validade da obra e sua função como síntese e projeção da experiência humana (CANDIDO, 2002, p. 82).

Foi, pois, conscientes dessa dialética entre esses dois momentos, que procuramos ancorar a análise abaixo.

Resultados e Discussão



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Conforme mencionamos na introdução deste trabalho, muito antes do movimento do Romantismo, no século XIX, a figura do índio já se fazia presente na literatura e na História. Desde os primeiros textos do “descobrimento do Brasil” e da chegada dos portugueses à América, as cartas e os diários de viagem já registravam a presença indígena, ainda que de modo muito idealizado. Podemos notar aspectos de idealização, por exemplo, na narração do escrivão Pero Vaz de Caminha, que fazia parte da primeira esquadra portuguesa, comandada por Pedro Álvares Cabral, que, oficialmente, primeiro chegou às terras brasileiras. A *Carta* de Caminha foi o primeiro registro oficial no qual apareceu retratada a imagem do índio. Conforme Bastos (2011), na *Carta* há uma exaltação à paisagem encontrada no Brasil, assim como aos habitantes de “cor avermelhada”. Caminha, por diversas vezes, “chega, [...] ao reconhecimento franco de uma espécie de superioridade moral dos nativos sobre os europeus, [...] [e] comenta a absoluta inexistência de segundas intenções no trato com os visitantes” (BASTOS, 2011, p. 25, acréscimo nosso). O escrivão observara nos índios valores como: inocência, beleza e simplicidade, ao relatar sua impressão sobre “aquela gente”. Para Bastos (2011), o bom aspecto corporal dos indígenas deixou excelente admiração em outros europeus que também chegaram ao Novo Mundo, especificamente Cristóvão Colombo e Américo Vespúcio. Colombo observou que “os índios eram ‘muito bem feitos, de corpos muito bonitos e cara muito boa’, uma ‘gente muito bonita’” (COLOMBO, 1991 *apud* BASTOS, 2011, p. 27). Américo Vespúcio, assim como Colombo, afirmara que os indígenas eram “de corpo bem dispostos e proporcionados, de cor branca (?), e de cabelos pretos, e de pouca barba, ou nenhuma” (VESPÚCIO, 1984 *apud* BASTOS, 2011, p. 27). A partir de tais descrições, podemos perceber na figura do indígena retratado uma tendência que ao longo da história literária vai se confirmar:

O índio que, mais tarde, os românticos porão em cena, belo e pujante, tanto os destemidos guerreiros quanto as dedicadas virgens, situado lá nos primórdios da colonização, seria, assim, não uma fantasia aérea, mas o índio tal qual o flagraram no seu ambiente edênico os primeiros europeus que com ele tiveram contato. (BASTOS, 2011, p. 31).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Conforme Bastos (2011), as primeiras aparições do índio em textos literários podem se encontrados em *O Uruguai* (1769), de Basílio da Gama, e em *Caramuru* (1781), de Frei Santa Rita Durão. No primeiro, porém, a figura do indígena representa o antagonista que se opõe ao herói, o branco europeu, e não se rende voluntariamente aos desmandos do colonizador. No segundo, o índio se rende conscientemente à ação catequética e “civilizadora” do português, principalmente no caso da personagem Paraguaçu, que adota fortemente os valores do conquistador. Assim “tanto em *O Uruguai* quanto em *Caramuru*, [...], o protagonista não é um índio, mas o português”. (BASTOS, 2011, p. 115). Desse modo, “em ambos os casos, o saldo para os índios é a condição final de vencidos, seja pelas armas, seja pelo convencimento religioso. [...] e a tradição épica não conhece heróis vencidos” (BASTOS, 2011, p. 115). Todavia, a representação da figura do índio atinge seu auge durante o Romantismo no século XIX, pois é neste período que surge a temática de “valorização” do indígena que ocupou um espaço privilegiado na literatura desta época:

Abre-se ao romantismo brasileiro, agora, a perspectiva, fascinante no momento, do indianismo. Seus fundamentos históricos e sociais estavam lançados. Elaboravam-se os estéticos. De assunto, o índio ia tornar-se herói. [...] O indianismo encontraria receptividade enorme no mundo dos leitores. Atendia os anseios de afirmação, que a Independência, ainda recente, vinha impor e estimular. (SODRÉ, 1982, p. 230).

Assim, o indianismo passa a tratar o índio, que até então aparecia na literatura como figura secundária, de forma a dar-lhe o lugar de protagonista e herói literário. De acordo com Sodré (1982), o indianismo representou as aspirações românticas por uma identidade nacional, a busca por um brasileiro “legítimo” projetado no silvícola. Assim, o índio foi escolhido com símbolo nacional não por acaso, pois ele representava para os escritores um indivíduo dotado de toda a liberdade, sem contar que “fora ele o adversário do português colonizador – ele que, dono da terra, e livre nessa terra, opusera-se ao domínio luso, lutara contra ele, e fora derrotado combatendo” (SODRÉ, 1982, p. 278). No entanto, passada a primeira impressão, a figura do índio provocou contradições, as diferenças entre o indígena



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

real e a figura dele idealizada pelos escritores românticos começam a surgir, e os europeus se dividiram. À visão indianista e romântica, que considerava apenas as qualidades exteriores como a formosura, a coragem, o heroísmo, baseando-se apenas na concepção do “bom selvagem”, segue-se outra perspectiva: o indigenismo que procura mostrar a real situação do indígena americano e resgatar o nativo verdadeiro das margens e fantasias criadas pelos escritores desde a chegada dos europeus à América. O indigenismo pode ser entendido, portanto, como:

[uma] corrente muito mais legítima e concreta, [que] foge às considerações estéticas, ao exotismo, ao espetáculo. Indaga pelo homem. Nem mito, nem símbolo, nem herói. Criatura triste e miserável, espoliada e explorada pelos brancos, esquecida pela civilização. O índio, *como ele é*. (QUEIROZ, 1962, p. 95, acréscimo nosso).

Assim, o indigenismo representa uma forma mais próxima da realidade do silvícola, nem “bom selvagem” nem “*perro índio*”, e reivindica o retrato do índio marginalizado e explorado pelos europeus, perseguido e apagado de sua cultura e de suas tradições. Buscando reclamar os direitos do índio como ser humano, o foco principal do indigenismo é a problemática indígena, social, econômica, psicológica e moral, além da consciência continental. Segundo Queiroz (1962, p. 167), “a corrente indigenista foca a situação dolorosa, pinta o problema com as mesmas tintas da literatura militante. [...] Trata-se de um assunto humano (e não limitadamente americano)”, e que deve ser pensado por todas as nações. Contudo, “a problemática indigenista deu a conhecer o maior opróbrio a que se pode submeter a criatura humana” (QUEIROZ, 1962, p. 196) e possibilitou igualmente uma representação de imagem “autêntica” da situação dos indígenas, como o fez, por exemplo, Nísia Floresta.

Em *A Lágrima de um Caeté* (1997), publicado pela primeira vez no ano de 1849, no Rio de Janeiro, sob o pseudônimo de Telesila, Nísia Floresta Brasileira Augusta aborda dois temas muito importantes: a Revolução Praieira, que ocorrera em Pernambuco, e a situação do índio, personificado no Caeté, o protagonista do poema, a partir do qual a autora faz uma dura crítica ao massacre cometido contra os índios durante o processo de colonização/invasão. Desde o início do poema, percebemos que o lugar que o índio ocupa é o de marginalizado e



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

excluído, como “um vulto de homem” que perdeu tudo, o que já nos permite alocar a autora em estudo no rol de escritores e escritoras pertencentes à perspectiva indigenista, ao denunciar e mostrar o índio em sua situação real, sem as tintas do idealismo que lhe fora dado pelos escritores românticos da vertente indianista. No poema em comento, há uma diferenciação entre o índio e o colonizador. Fica evidente a denúncia ao despotismo europeu que tomara posse das terras e da vida do Caeté, que “Solitário vagava meditando,/ Como aquele, que busca uma lembrança,/ Uma ideia chamar, que lhe recorde/ Um fato anterior da vida sua,/ Vivamente um lugar, que já foi seu,/ Do qual o Despotismo o despojara...” (AUGUSTA, 1997, p. 36). Com a perda de tudo, o Caeté buscava apenas na memória a lembrança de uma vida que fora sua, recordando o lugar que fora seu e que a opressão tirânica dos portugueses lhe tirara. É possível perceber, a partir disso, que “amparado pela **teologia da destruição**, o europeu desorganiza o universo dos ameríndios, antes de eliminá-lo completamente. Introduz a exploração da mão de obra no mundo indígena, [...] transfigura-lhe o *habitat* [...]”. (MENDONÇA, 2012, p. 100, grifos da autora).

Em oposição às virtudes do índio Caeté, estava o português que sofre duras críticas da voz lírica do poema. A reprovação das atitudes do colonizador se faz presente de modo intenso, visto que a escritora faz a denúncia da falta de caráter do português e sentenciava-o como responsável por todo o sofrimento do índio. Assim a escritora se incumbiu de mostrar os acontecimentos de um modo mais próximo da realidade vivida entre opressor/colonizador e escravos/índios, rompendo os moldes da fantasia que permeava boa parte das representações sobre os índios no século XIX. O índio Caeté, antes da colonização, “era da natureza o filho altivo,/ Tão simples como ela, nela achando/ Toda a sua riqueza, o seu bem todo.../ O bravo, o destemido, o grão selvagem,/ O Brasileiro era... – era um Caeté!” (AUGUSTA, 1997, p. 37). Conforme os versos, compreendemos na descrição o ideal do herói nísiano como sendo aquele homem/índio de coração simples e com a altivez do povo americano, distinto do europeu, tido como corrupto. Além disso, substantivos como “o bravo”, “o destemido” ressaltam que o índio de a voz lírica fala não era qualquer bravo e destemido. Ele era um homem em especial, representante de toda uma raça – “O Brasileiro”, descendente direto do



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Caeté. No entanto, esse aspecto de bravura e destemor do índio Caeté é contraposto com a realidade em que ele vive no momento. Apesar de seu passado glorioso, o indígena descrito “Era um Caeté, que vagava/ Na terra que Deus lhe deu,/ Onde Pátria, esposa e filhos/ Ele embalde defendeu!...” (AUGUSTA, 1997, p. 37). O índio lutou e resistiu como pôde, porém teve o fracasso como prêmio, fato perfeitamente compreensível se observadas a crueldade e a perversidade com que agiram os portugueses quando nas terras americanas chegaram. Diante disso, o índio não tinha mesmo como vencê-los:

Desse retrato, [...] emerge um Brasil dividido, ferido irremediavelmente pela cisão e pela fratura. De um lado, o lugar português – *locus* do senhor, do descanso e da riqueza; e no revés, o lugar ameríndio, espaço do escravo, do suor, do esgotamento, da exaustão do trabalho [...] (MENDONÇA, 2012, p. 226).

Esta é a imagem que se apresenta ao índio Caeté após a colonização. De senhor de grandes terras, ele passa a ser escravo voltado para o trabalho forçado, o esgotamento, o chicote. Diante de tudo isso, o Caeté lamenta com a “alma triste, acerba dor,/ Vim chorar as praias minhas/ Na posse de usurpador!/ Que invadi-las/ Não satisfeito,/ Vinha nas matas/ Ferir-me o peito” (AUGUSTA, 1997, p. 37). Temos uma imagem dramática da situação do silvícola brasileiro que observa perdida sua história, sua vida, sua tribo, como uma chaga na alma, que jamais poderá ser apagada. Nos últimos versos citados, destacam-se os detalhes da invasão e dos maus-tratos sofridos pelos indígenas. Nesse contexto, a escravidão fora inevitável, começa, então, a penúria do índio americano: “Ferros nos trouxe,/ Fogo, trovões,/ E de cristãos / Os corações/ E sobre nós/ Tudo lançou!/ De nossa terra/ Nos despojou!/ Tudo roubou-nos,/ Esse tirano,/ Que povo diz-se/ Livre e humano!” (AUGUSTA, 1997, p. 37). Nos versos anteriores, é possível notar o tom de indignação da voz lírica. Nas palavras do Caeté, tem-se a acusação contra todo o mal causado pela colonização/invasão dos “nobres” europeus que com tão grande perversidade subjugaram, dizimaram populações inteiras da América e espalharam a destruição e a fraude por toda parte, roubando dos índios tudo o que sempre lhes fora seu por direito.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A imagem que a autora traz à tona é a do vencido, do indígena que foge para sobreviver. Sem pátria, sem liberdade, o Caeté ficara vagando sem rumo. A fuga para as matas representa também sua maneira de escapar da escravidão bélica e religiosa que lhe era imposta pelo estrangeiro. O poema também apresenta ao longo do seu enredo uma crítica clara à destruição das famílias, à situação a que estavam submetidas às mulheres e filhas dos índios que eram brutalmente arrancadas de suas tabas: “As esposas, a filha, a paz roubar-nos!.../ Trazendo d’além-mar as leis, o vícios,/ Nossas leis e costumes postergaram!” (AUGUSTA, 1997, p. 38). Além da violência física, observamos também que a violência sexual era comum, e até mesmo louvada, visto que “a virgindade das jovens, a honra das mulheres não são valores que contam na balança da justiça” (QUEIROZ, 1962, p. 140). Dessa forma, considerava-se como “normal” esse crime, e nem mesmo a igreja, representada na figura dos jesuítas, se posicionava contra ou recriminava tal prática. Ao contrário, alguns jesuítas procuravam degradar ainda mais a imagem da mulher indígena, conforme podemos notar, por exemplo, na percepção que o Padre Manoel da Nóbrega tinha das índias americanas. Para ele, até “mesmo as prostitutas [de Lisboa, eram] consideradas como moralmente superiores às mulheres tupinambás [...]” (MENDONÇA, 2012, p. 94, acréscimo nosso). A partir disso, Nísia Floresta faz também a sua crítica e repudia tal conduta, ao ressaltar que foram os europeus que trouxeram “as leis e os vícios” que em nada se assemelhavam ao modo de vida do índio americano, que tinha, sim, suas leis, sua fé e sua cultura, antes da chegada do estrangeiro que tudo corrompeu.

O poema *A Lágrima de um Caeté* (1997) representa também o aspecto da desconstrução da bondade indígena, mostrando, a partir da ação do índio Camarão, ao se aliar aos colonizadores portugueses, que nem todos os índios eram bons como ressaltavam os escritores indianistas. A narrativa poética de Nísia Floresta busca desconstruir o mito do “bom selvagem”, relatando que há entre os silvícolas aqueles que apresentavam também alguns desvios de caráter, em troca de “Nobreza, que o crime/ Audaz transmitiu/ aquele que aos seus/ Cruel perseguiu” (AUGUSTA, 1997, p. 39). O índio não é mais, no poema, “o homem perfeito”, como queriam/diziam o navegador genovês Cristóvão Colombo e o escrivão



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

português Pero Vaz de Caminha, que tanto contribuíram para que se criasse tal estereótipo sobre a imagem do índio. Cabe ressaltar que essa descrição feita pelos colonizadores visava, antes de tudo, a interesses mercantis.

Além do tema relacionado ao “desvio de caráter” do indígena, outro sentimento está muito presente no poema – o desejo de vingança. Esse igualmente constitui-se como uma característica, que vem reafirmar que o índio retratado pela escritora norte-rio-grandense afasta-se do mito do “bom selvagem”, aproxima-se do homem/índio real, com seus sentimentos e contradições, sofre com a escravidão e anseia pela vingança, como sendo talvez o único lenitivo para aplacar a sua dor, pois está “Em triste abandono, sem Pátria, sem bens,/ Às cegas seguindo a voz de um senhor/ Pureza e costumes perdido tu tens!...” (AUGUSTA, 1997, p. 40). Assim, inferimos que o índio tomara consciência de como era sua vida anteriormente, “es decir, y de una vez por todas, se aprecia al indigenismo como al despertar de la conciencia de nuestro propio valer como pueblo y como raza en función de sus propios destinos [...]” (GARCÉS, 1957 *apud* QUEIROZ, 1962, p. 204). Essa conscientização do indígena vem ressaltar, novamente, o aspecto indigenista do poema de Nísia Floresta, pois o índio por ela representado sabe de sua realidade/situação. Ainda que esteja num lugar à margem, ele compreende o que se passa em sua vida. Apesar de fracassado, não aceitou passivamente o jugo imposto, fora vencido, mas combatendo.

A autora encerra seu poema mostrando que o índio voltara à posição do começo, como um vulto que vagava à beira de um rio. No princípio, era o rio Beberibe e no final é o rio Goiana. O índio não tem mais perspectivas de futuro. Passada a ilusão de acreditar que podia vencer o invasor, o Caeté entendeu que perdera seu lugar de protagonista da própria história, estava marginalizado. A partir da exclusão/marginalização do indígena, que é desde o início do poema um fracassado, podemos confirmar a narrativa como sendo pertencente à corrente indigenista. De acordo Duarte (1995, p. 126), este texto pode ser considerado “*uma nova página* da temática indígena do nosso romantismo: mais que um poema “indianista” tem aí talvez uma das primeiras abordagens de cunho indigenista de nossa literatura”.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Conclusões

Em *A Lágrima de um Caeté* (1997), de Nísia Floresta, apresenta como principal temática a figura do índio. Nesse poema, podemos notar o destaque dado aos índios. A escritora constrói sua personagem a partir de um ponto de vista que favorece ao nativo, mostrando-se claramente sua adesão à causa indígena e opondo-se aos males causados pela colonização portuguesa. Nísia Floresta retrata as condições dos índios brasileiros e tece fortes críticas ao colonizador português, que ocupa o papel de antagonista na obra. O protagonista é o índio. Não há espaço para conciliação/amizade entre portugueses e nativos, como retratado em muitas obras indianistas do Romantismo. Assim, o índio Caeté está destinado à solidão, portanto, o saldo é extremamente catastrófico para este.

Em consonância com *Graça* (1998), confirmamos que o herói indígena retratado por Nísia parece estar condenado ao fracasso. Seja de que modo for, sua condição é a do vencido. Porém entendemos, nesse fracasso, uma forma de denúncia social. A escritora se utiliza dessa opção como uma forma de revelar as reais condições a que foram submetidos nossos índios desde a colonização. E essa perspectiva pode ser confirmada pela visão favorável e pelo posicionamento claro da autora em relação ao indígena, uma vez que, em seu poema, o índio ocupa o lugar principal dentro da narrativa, e, conforme já mencionado, suas qualidades físicas e morais são sempre exaltadas, mostrando-se de modo evidente a superioridade do nativo americano ante o branco colonizador que é o responsável por todos os males causados aos índios.

O indígena de Nísia Floresta distanciou-se muito da imagem romântica sobre os índios. Seu lugar é à margem, como vítima sacrificada e extinta de sua própria história. A obra aqui analisada contribui para que se possa rever a história da colonização do Brasil e até mesmo da América por outro ângulo: o da catástrofe de que foram vítimas os índios americanos, o do apagamento da cultura, o da destruição das famílias, das aldeias, e o de todos os danos causados pelos europeus ao chegarem às terras americanas. Nísia Floresta nos proporciona uma leitura muito distinta das que sobre o índio fizeram seus coetâneos escritores



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

românticos. Ela mostra também uma preocupação em contribuir para a criação de uma literatura pátria, com personagens que representassem de fato os brasileiros. A escolha da escritora pelos marginalizados e excluídos socialmente representa também uma visão muito à frente de seu tempo. Como mulher da palavra, Nísia Floresta contrariou a prerrogativa do silenciamento feminino. Foi inovadora, pioneira, transgressora da regra social que condenava a mulher ao isolamento.

Referências Bibliográficas

- AUGUSTA, Nísia Floresta Brasileira. **A Lágrima de um Caeté**. Organização de Constância Lima Duarte. 4. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1997.
- BASTOS, Alcmeno. **O Índio Antes do Indianismo**. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras; FAPERJ, 2011.
- BATALLA, Guillermo Bonfil. Aculturación e Indigenismo: La Respuesta India. In.: FRANCH, José Alcina. (Org). **Indianismo e Indigenismo en América**. Madrid: Alianza Editorial, S.A., 1990. p. 189-209.
- BOSI, Alfredo. Imagens do Romantismo no Brasil. In: GUINSBURG, Jacob (Org.). **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 239-256.
- CASTRO, Sílvio. **A Carta de Pero Vaz de Caminha**. Porto Alegre: Editora L&PM, 2008.
- DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta: Vida e Obra**. Natal: Editora Universitária, 1995.
- GRAÇA, Antônio Paulo. **Uma Poética do Genocídio**. Rio de Janeiro: TOPBOOKS Editora e Distribuidora de Livros, 1998.
- MENDONÇA, Wilma. **Memórias de Nós: o Brasil no redemoinho do capital**. João Pessoa; Porto Alegre, RS: Editora Universitária da UFPB, 2012.
- QUEIROZ, Maria José de. **Do Indianismo ao Indigenismo: Nas Letras Hispano-americanas**. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1962.
- SODRÉ, Néelson Werneck. **História da Literatura Brasileira**. 7. ed. atual. São Paulo: Ed. DIFEL, 1982, p. 189-294.
- VELOSO, Mariza e MADEIRA, Angélica. **Leituras Brasileiras: Itinerários no Pensamento Social e na Literatura**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2000.